

**AUTOFICÇÃO:  
A ESCRITA DE SI NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA**

Sydna Meire Faustino Feliciano (UNIGRANRIO)

[sydnarj@yahoo.com.br](mailto:sydnarj@yahoo.com.br)

Anna Paula Soares Lemos (UNIGRANRIO)

[annapaulalemos@gmail.com](mailto:annapaulalemos@gmail.com)

Jurema Rosa Lopes (UNIGRANRIO)

[jlopes@unigranrio.edu.br](mailto:jlopes@unigranrio.edu.br)

**RESUMO**

O presente estudo propõe discutir sobre a escrita de si na literatura contemporânea, baseado em uma questão norteadora: A autoficção é um novo modelo da escrita de si na literatura contemporânea? Partindo do pressuposto que a autoficção, segundo Ana Faedrich (2005) é o exercício literário em que o autor se transforma em personagem do seu romance, misturando realidade e ficção, é apenas um passo; condição necessária, mas não o suficiente. Nessa perspectiva, este estudo tem por objetivo discutir o real e a ficcional nas escritas de si na literatura contemporânea brasileira. Além disso, utilizaremos a representação que ocorre no uso da terceira pessoa do discurso no romance *O Filho Eterno*, de Cristóvão Tezza (2007) para discutir a ambiguidade criada pelo autor para confundir o leitor sobre o que vem a ser real e ficcional. Sendo assim, o principal desafio neste sentido é compreender a escrita de si e a construção do eu ficcional na literatura contemporânea. Dessa forma, as discussões tecidas neste trabalho, nos permitirão análises teóricas mais profundas sobre a escrita de si e a autoficção, como um modelo de escrita na literatura contemporânea.

**Palavras-chave:** Autoficção. Escrita de si. Literatura contemporânea.

**1. Introdução**

No presente estudo temos como objetivo, refletir sobre o real e o ficcional nas escritas de si na literatura contemporânea, com ênfase na narrativa de autoficção, tendo como referência a aproximação da escrita autobiográfica com o autoficcional enquanto proposta de análise. Nesse movimento apresentamos uma breve discussão entre o que vem a ser autobiografia e autoficção.

Inês Ferreira de Souza Bragança, Maria Helena Menna Barreto Abrahão e Mairce da Silva Araújo (2014), Ana Faedrich (2015), Michael Foucault (1992), Diana Klinger (2008) e Leila Perrone-Moisés (2016), entre outros, são autores que desenvolvem seus estudos sobre a narrativa de autoficção na aproximação da escrita autobiográfica e trazem importantes contribuições, ancoradas nos princípios de ambiguidade e veraci-

dade.

Destacamos ainda nesse contexto, a análise do livro *O Filho Eterno*, de Cristóvão Tezza (2007) que transita entre o real e o ficcional. O autor incorpora na obra o princípio da ambiguidade necessária para um texto de autoficção. Para tal, faremos um breve resumo da história narrada e depois adentraremos propriamente na reflexão sobre escrita de si.

## 2. *A escrita de si e a autoficção*

No cenário contemporâneo, muito se tem refletido a respeito da escrita de si, tanto nos textos autobiográficos quanto nos textos de autoficção, por isso, iremos discutir algumas características específicas de cada modelo de escrita, para que as mesmas não sejam confundidas ou tratadas como iguais, pois à medida que sabemos mais acerca dessas diferenças, compreenderemos melhor sobre as diferentes perspectivas de escrita de si na literatura contemporânea.

Sabemos que há uma problematização na produção da literatura contemporânea que está relacionada ao limite do que vem a ser factual e ficcional, pois apesar de termos bem delineados o que pode ser considerado real e o que vem a fazer parte do ficcional, podemos encontrar na historiografia literária muitos autores que em suas obras colocam em xeque essas diferenças, pois apesar da fronteira existente, são capazes de produzirem obras que confundem o leitor, de maneira que não saibam distinguir o que vem a ser real e ficcional.

É importante ressaltar que há alguns conceitos importantes relacionados à autobiografia, por esse motivo, faremos uma breve reflexão a cerca da autobiografia e posteriormente, adentraremos no nosso foco central que é a escrita de si através da autoficção. Lejeune (2003) *apud* Inês Ferreira de Souza Bragança, Maria Helena Menna Barreto Abrahão e Mairce da Silva Araújo (2014) afirmam que:

a autobiografia fundamenta-se na "estética da verdade" e na "eficácia na transmissão de uma experiência vivida", ou seja, "sem dúvida a verdade inatingível, em particular quando se trata da vida humana, mas o desejo de alcançar define um campo de discurso e atos de conhecimento [...]". (BRAGANÇA, 2014, p. 85)

Inês Ferreira de Souza Bragança, Maria Helena Menna Barreto Abrahão e Mairce da Silva Araújo nos permitem inferir que a autobiografia está diretamente relacionada com as experiências de vida, fundamen-

tada em verdades. A autobiografia ao mesmo tempo em que parece reproduzir fielmente as memórias do narrador nos apresenta questionamentos na medida em que consideramos as falhas ou as seleções das memórias, também não podemos desconsiderar a interpretação de quem realiza a leitura. O fato de a autobiografia estar atrelada ao fazer humano através de uma gama de sistemas de significados, como leitores, sabemos que pode ser complexo julgar o que é verdadeiro ou falso.

Podemos observar de acordo como conceito de Lejeune *apud* Diana Klinger (2008), "o 'espaço autobiográfico' compreende o conjunto de todos os dados que circulam ao redor da figura do autor: suas memórias e biografias, seus (auto) retratos e suas declarações sobre sua própria obra ficcional". Assim, podemos considerar que os textos de autoficção, muitas vezes, podem ser baseados nos espaços autobiográficos, porém o autor mistura o real com o ficcional com a intenção de confundir o leitor, para que ele não saiba diferenciar o fato real do ficcional.

De acordo com Ana Faedrich (2015):

O movimento da autobiografia é da vida para o texto, e da autoficção, do texto para a vida. Isso quer dizer que, na autobiografia, o narrador-protagonista é, geralmente, alguém famoso, "digno de uma autobiografia". Justamente por ser uma celebridade desperta o interesse e curiosidade no público-leitor. Na autoficção, um autor pode chamar a atenção para a sua biografia por meio do texto ficcional, mas é sempre o texto literário que está em primeiro plano. (FAEDRICH, 2015, p. 47-48)

Desse modo, podemos compreender que na autobiografia o autor narra as histórias, desde suas origens, procurando ser fiel aos fatos acontecidos, sem a intenção de se revelar no texto, diferentemente do texto ficcional. Ana Faedrich (2015) ilustrou muito bem as demarcações estabelecidas entre o não ficcional e o ficcional, em seu quadro, utilizando-se dos graus para dar proporção ao menos ou mais ficcional. Vejamos, a seguir, no quadro 1.

No quadro 1, podemos perceber que Ana Faedrich (2015) utiliza a palavra "pacto" que segundo o Ferreira (2001), significa *ajuste, acordo, entre Estado ou particulares*, para dar ênfase à característica principal de cada modelo de escrita, ratificando a importância de se respeitar as especificidades de cada modelo de escrita. Na autobiografia, o autor deve fazer um pacto com a verdade, mesmo não havendo uma verdade absoluta, mas existe um princípio de veracidade que fundamenta o pacto com o leitor. Na autoficção, há um pacto ambíguo, ou seja, há uma intenção do autor em confundir o leitor entre o que vem a ser real e o ficcional.

GÊNERO 1	ENTRE GÊNEROS		GÊNERO 2
	<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: flex; justify-content: space-between;"> <span>- ficcional</span> <span>+ ficcional</span> </div>		
NÃO FICÇÃO			FICÇÃO
<b>AUTOBIOGRAFIA</b>	<b>ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO</b>	<b>AUTOFICÇÃO</b>	<b>ROMANCE</b>
PACTO AUTOBIOGRÁFICO	PACTO FANTASMÁTICO	PACTO AMBÍGUO	PACTO FICCIONAL
PRINCÍPIO DA VERACIDADE	PRINCÍPIO DA AMBIGUIDADE		PRINCÍPIO DA INVENÇÃO

**Quadro 1 - Contratos de leitura e princípios de cada gênero literário**

Fonte: <http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/8165/5547>

Assim, compreendemos que a autoficção é um gênero literário que mistura dois modelos de escrita: a autobiografia e a ficção. Desse modo, surge um modelo diferente da escrita de si, onde não conseguimos identificar na narrativa a enunciativa do "eu", pois o embaralhamento dessas categorias não nos permite fazer tal distinção. Vale destacar que a conceitualização de autoficção surgiu com Serge Doubrovsky, segundo Leila Perrone-Moisés (2016):

O termo *autofiction* foi criado por Serge Doubrovsky em 1977, na quarta capa de seu livro *Le Fils* [O filho]. Nos anos 1980, a França foi inundada de livros cujo assunto era o próprio autor, suas experiências, pensamentos e sentimentos. Não eram diários, porque não registravam os acontecimentos dia a dia, em ordem cronológica. Não eram autobiografias, porque não narravam a vida inteira do autor, mas apenas alguns momentos desta. Não eram confissões, porque não tinham nenhum objetivo de autojustificação e nenhum caráter purgativo. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 204)

Destacamos que muitos autores consideram a autoficção como um novo modelo de escrita de si, mas podemos evidenciar que esse termo já vem sendo utilizado desde a década de setenta, portanto, não é tão novo assim. Leila Perrone-Moisés (2016) “a autoficção não é um gênero novo, apenas uma variante moderna de um gênero antigo”. Ao afirmar que seria uma variante moderna de um gênero antigo, podemos inferir que não é uma substituição do romance ou da autobiografia, mas sim um novo modelo de escrita na contemporaneidade.

De acordo com Diana Klinger (2008):

O texto autoficcional implica uma dramatização de si que supõe, da mesma maneira que ocorre no palco teatral, um sujeito duplo, ao mesmo tempo re-

al e fictício, pessoa (ator) e personagem. A dramatização supõe a construção simultânea de ambos, autor e narrador. Imaginando uma analogia entre a literatura e as artes cênicas, poder-se-ia traçar uma correspondência entre o teatro tradicional e a ficção, por um lado, e a arte da performance e a autoficção, por outro. (KLINGER, 2008, p. 25)

É possível perceber, que no texto ficcional a escrita de si trata-se de uma representação do autor, e de acordo com Michael Foucault (1992) *escrever é, pois "mostrar-se", dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro*. Desse modo, quando as narrativas são construídas o autor procura dar ênfase nas representações que lhe convém, exaltando o que ele quer que o leitor compreenda sempre se utilizando de recursos literários que mesclam o real e o ficcional, mantendo, assim, o pacto da ambiguidade.

Ana Faedrich (2015) faz uma reflexão importante sobre o uso da ambiguidade no texto ficcional, afirmando que "a ambiguidade entre real e ficcional é potencializada pelo recurso frequente à identidade onomástica entre autor, narrador e protagonista, embora existam variações e nuances na forma como o pacto se estabelece". Podemos observar que como um dos elementos da escrita de si, o autor pode utilizar vários recursos para manter a essência da escrita ficcional, como usar o próprio nome ou suas iniciais e, até mesmo, um nome parecido, demonstrando características semelhantes as suas a fim de manter a ambiguidade.

Outro aspecto importante é destacar a maneira como autora expressa à escrita de si nos textos de autoficção, onde na exposição do "eu" o narrador mistura sua intimidade, mas ao mesmo tempo, mantendo sua privacidade, sempre camuflando o que vem a ser real e ficcional, tentando produzir um efeito real. De acordo com as considerações de Leila Perrone-Moisés (2016):

Toda e qualquer narrativa, mesmo aquelas que se pretendem mais coladas ao real, têm algo de ficcional. A ordem de exposição, os pormenores ressaltados ou omitidos, a ênfase dada a determinados fatos, o ângulo pelo qual eles são vistos ou expostos, tudo isso dá à narrativa que se pretende mais verídica um caráter potencial ficcional. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 208)

Nessa mesma perspectiva, Ana Faedrich (2015) ressalta que "o narrador afirma escrever uma autoficção, mesclando fatos advindos da memória, falível por definição, e preenchendo as lacunas do esquecimento com ficção". Dessa forma, como já discutido, o texto ficcional não tem a intenção de "desvendar" o que vem a ser verdade ou mentira, real ou imaginário, pois o que deve prevalecer é a subjetividade do autor, baseando-se em fatos reais, mas que não tem a pretensão de narrar puramente

à verdade dos fatos. Diana Klinger (2008) faz uma importante reflexão em relação ao autor:

O autor é considerado como sujeito de uma performance, de uma atuação, que "representa um papel" na própria "vida real", na sua exposição pública, em suas últimas falas de si, nas entrevistas, nas crônicas e autorretratos, nas palestras. Portanto, o que interessa do autobiográfico no texto de autoficção não é certa adequação à verdade dos fatos, mas sim "a ilusão da presença, do acesso ao lugar de emanção da voz". (KLINGER, 2008, p. 24)

Desta maneira, podemos perceber que o autor pode fazer uma representação da sua própria identidade, vale destacar também que nos últimos anos, a escrita de si tornou-se mais popular e intensa com a chegada das novas tecnologias, pois antigamente ficava restrita aos livros, aos diários fechados, as autobiografias, autoficções etc. Hoje, esse tipo de escrita se encontra muito recorrente nas redes sociais, onde as pessoas constroem um diário público, demonstrando aos seus leitores ou seguidores, como é chamado atualmente, suas narrativas pessoais e, muitas vezes, o que é transposto para o texto não é o que ocorre na realidade.

### 3. *A escrita de si no livro O Filho Eterno, de Cristóvão Tezza (2007)*

Inicialmente, faremos uma breve apresentação do autor Cristóvão Tezza e da história narrada em seu livro *O Filho Eterno* (2007) para depois refletirmos um pouco mais sobre as diversas maneiras da escrita de si na literatura contemporânea, ressaltando as principais características presentes nas narrativas de autoficção.

O autor Cristóvão Tezza nasceu em Lages, Santa Catarina, mas mudou-se criança para Curitiba, onde vive até hoje. Escreveu diversos livros, mas *O Filho Eterno*, publicado em 2007, ganhou diversos prêmios importantes na literatura brasileira, dentre eles Jabuti, Portugal Telecom, São Paulo, Revista Bravo!, APCA e Zaffari & Bourborn, na França recebeu o prêmio Charles Brisset, de melhor livro do ano, e já foi traduzido em diversos países.

Em *O Filho Eterno*, Cristóvão Tezza expõe em sua narrativa os conflitos internos e as dificuldades de se relacionar com a sociedade a partir do nascimento de seu primeiro filho, Felipe, cujo é portador da síndrome de Down. Vale destacar que na década de 80, época do nascimento de Felipe, os portadores da síndrome de Down eram chamados de mongoloides.

A história se inicia com o comunicado da esposa dizendo que aquele dia seria o nascimento do filho, pois já sentia as primeiras contrações. Ele, então, começou a imaginar uma série de situações que aconteceriam com a chegada do filho e as expectativas de um futuro promissor, com realizações pessoais e profissionais, com o intuito de servir de exemplo de uma pessoa bem-sucedida para seu próprio filho.

Porém, toda a ansiedade e expectativa com a chegada do filho foram destruídas com a notícia, inesperada, apresentada pelos médicos quando lhe informaram sobre as características específicas de crianças portadoras de síndrome de Down. Nesse momento, ele lembra que recentemente havia feito uma revisão de uma dissertação sobre essa mesma síndrome, então ele sabia tudo ou quase tudo o que estava por vir. A notícia foi tão chocante para ele que em alguns momentos chegou a desejar a morte do próprio filho, pois não conseguia aceitar o fato de ter um filho portador desta síndrome. Na medida em que o tempo fora passando, percebemos que ele transformou o desejo da morte do filho em uma busca incessante pela melhoria da qualidade de vida da criança. Tentou vários métodos para conseguir a evolução de Felipe, e assim, também foi se transformando como pai. Porém, parecia difícil compartilhar com outras pessoas que seu filho tinha síndrome de Down, pois sempre estava procurando esconder esse fato, demonstrando sentir vergonha.

Durante a narrativa, o autor revela alguns momentos vividos com Felipe e com sua família, mas em nenhum momento cita o nome da esposa e de sua segunda filha, focando somente na relação entre pai e filho. Ele destaca também suas memórias e lembranças de vários momentos vivenciados enquanto era solteiro.

No final da narrativa, demonstra toda sua angústia e medo de perder seu filho, no momento em que Felipe desaparece, pois ele entra em desespero com a possibilidade concreta de nunca mais ver o filho, o que inicialmente era seu maior desejo, agora se torna seu maior medo, pois o amor por ele já é tão grande que não pensa mais em não tê-lo em sua vida.

Um aspecto interessante é que toda a história é narrada em terceira pessoa e o nome do narrador não é citado, apenas o nome do filho, Felipe. A cronologia da narrativa acontece de modo que nos permite perceber a passagem do tempo através das evoluções de Felipe, quando começa a falar, andar, inicia a vida escolar, entre outros fatos. Mas há também interrupções nessa cronologia quando o narrador insere na história refle-

xões sobre sua própria vida, regredindo no tempo e no espaço para descrever suas memórias, transitando pelo presente, passado e um futuro fantasioso.

Apesar do livro *O Filho Eterno* ser classificado na categoria de romance, difere dos romances tradicionais por adicionar em sua narrativa trechos da sua própria vida, mesclando partes de sua autobiografia com a ficção, sendo assim, também fora classificado com uma obra autoficcional, onde sua principal característica é misturar fatos reais com fatos ficcionais.

Nesse sentido, Ana Faedrich (2015) faz uma reflexão sobre a classificação dos textos na produção literária, como pode ser observado a seguir:

Pensar na relevância do conceito de autoficção para classificar um tipo de produção literária cada vez mais popular requer demarcar sua especificidade em relação às demais escritas do eu, apontando condições necessárias e suficientes para delimitá-lo. Afirmar que autoficção é o exercício literário em que o autor se transforma em personagem do seu romance, misturando realidade e ficção, é apenas um passo; condição necessária, mas não suficiente. (FAEDRICH, 2015, p. 49)

Como observamos, não é possível separar realidade e ficção. Na obra de Cristóvão Tezza (2007) ele deixa bem claro ao colocar na epígrafe a seguinte frase: "Queremos dizer a verdade e, no entanto, não dizemos a verdade. Descrevemos algo buscando fidelidade à verdade e, no entanto, o descrito é outra coisa que não a verdade", de Thomas Bernhard. A nossa percepção é a de que o autor tem a intenção de demonstrar a "verdade", mas, nem sempre é possível ser fiel a ela. Como afirma Leila Perrone-Moisés (2016) na literatura, o que está em jogo não é a verdade, mas a verossimilhança.

Ana Faedrich (2015, p. 57) afirma que "a autoficção não é autobiografia, nem romance. Nem um, nem outro. Ela instaura-se no entrelugar, entre a autobiografia e o romance". Nessa perspectiva, a narrativa construída no *O Filho Eterno*, pode ser tanto classificada como romance, quanto também como uma autoficção, pois se trata dos dois ao mesmo tempo.

Outra característica importante na obra é que ao escrever o texto em terceira pessoa, Cristóvão Tezza busca manter um afastamento do personagem, colocando-se na narrativa como "ele" ou "pai", transformando o que vem a ser real em sua vida em uma ficção, pois não conseguimos distinguir na narrativa o que vem a ser real e ficcional, apenas

temos a certeza que o autor realmente tem um filho com síndrome de Down, pois o mesmo já afirmou em entrevistas e na sua biografia que essa informação é verdadeira.

Na visão de Diana Klinger (2008):

A autoficção também não pressupõe a existência de um sujeito prévio, "um modelo", que o texto pode copiar ou traír, como no caso da autobiografia. Não existe original e cópia, apenas construção simultânea (no texto e na vida) de uma figura teatral - um personagem - que é o autor. (KLINGER, 2008, p. 20)

É graças à possibilidade de o autor criar um duplo de si que ele vai desvelando através da narrativa suas "verdades" camufladas em ficção, e nesse jogo ambíguo, o leitor não consegue distinguir o limite ente o real e o ficcional. No ponto de vista de Michael Foucault (1992):

A narrativa de si é a narrativa da relação a si; e aí começa a destacarem-se claramente dois elementos, dois pontos estratégicos que com o correr do tempo vão tornar-se os objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita em relação a si: as interferências da alma e do corpo (mais as impressões que as ações) e os lazeres (mais do que os acontecimentos externos); o corpo e os dias. (FOUCAULT, 1992, p. 137)

Nesse contexto, na narrativa de *O Filho Eterno* a escrita de si é marcada pela experiência de um trauma, onde há uma busca pela reconstrução da vida e da relação com o filho. Percebemos que a história de vida do narrador não é linear, há sempre um ir e vir de memórias, descontextualizações e fragmentações dos acontecimentos, cabendo o autor o papel de reconstruí-la.

A escrita de si pode ser compreendida também como um modo de escrita terapêutica, onde o autor faz uma reflexão sobre sua própria existência e da sua relação com o outro. Ana Faedrich (2015) faz uma abordagem sobre a escrita de si como terapia, como observamos abaixo.

Desnudar-se para se enxergar e se entender melhor. Escrever para aliviar. Fabular um sofrimento para elaborá-lo. Colocar na realidade das palavras uma experiência traumática para compartilhar o sofrimento e reestruturar o caos interno. (FAEDRICH, 2015, p. 55)

Nesse caso, o autor pode utilizar sua narrativa para refletir sobre sua própria existência, seus conflitos e medos, fazendo uma análise através das escritas do eu. Porém, não é uma regra que toda autoficção seja uma escrita terapêutica, por esse motivo, não podemos afirmar que a escrita terapêutica é condição necessária para a escrita da autoficção. Sendo assim, ratificamos que a intenção na escrita de autoficção é de confundir

o leitor sobre o que vem a ser real e ficcional. O autor trabalha com a ambiguidade, provoca no leitor o desejo de desvendar o que é verdade e ou ficção na obra.

#### 4. Considerações finais

O caminho percorrido ao longo do texto visa inspirar reflexões sobre a escrita de si nas narrativas de autoficção, considerando as principais características do texto autoficcional. Para isso, foi preciso discutir um pouco sobre o conceito de autobiografia que tem relação direta com a escrita da autoficção, por se tratar de um tipo de escrita do eu. Destacamos também que é importante considerar o pacto que cada autor deve estabelecer de acordo com o tipo de escrita, pois ele é fundamental para esclarecer o conceito de autobiografia e de autoficção. Outro elemento importante nessa discussão são as reflexões tecidas sobre o livro *O Filho Eterno*, de Cristóvão Tezza, como exemplo de performance presente no texto. Nesse sentido, não temos uma verdade empírica, mas a representação de uma vivência escrita, onde o autor ficcionaliza sua história a partir das escritas de si, em um contexto social e histórico.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto e ARAÚJO, Mairce da Silva. *Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões*. Curitiba: CRV, 2014.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

FAEDRICH, Ana. *O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea*. 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio século XXI escolar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOUCAULT, Michael. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TEZZA, Cristóvão. *O filho eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2017.